

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

16. A droga “na família”

Responsável NEL Tarija-Bolivia: Edwin Jijena Durán (AP)

Participantes: María José Figueroa León (Asociada Nel Santiago de Chile),
Rosana Fautsch (México), Carlos Chávez B. (Perú), Maggie Jauregui (APEL Santa Cruz
Bolivia), Dora Añasgo, Whitney Ferrufino, (NEL Tarija Bolivia),
Sofía Guaraguara (NLS/NEL)

Efeitos da conjunção dos discursos: amo, universitário e capitalista nos laços

E enquanto aos pequenos objetos “a” minúsculas que vão se encontrar ao sair, aí sobre o asfalto em cada rincão da rua, detrás dos vidros de cada mostruário, essa profusão de objetos feitos para causar seu desejo, na medida em que agora é a ciência quem o governa, pense-os como letosas [...]. É realmente certo que cada um se enfrenta com dois ou três desta espécie... o importante é saber qué sucede quando um se põe verdadeiramente em relação com a mesma letosa. [Lacan, 1970]

O título “Drogas em família” é provocador, porque introduz a preposição “em”, que segundo Coromias vem do latim “dentro de”. Para a RAE trata-se de “dentro ou ao interior”, então, o tema que nos convoca é drogas ao interior da família? O tema da conversação gravita em torno a uma incógnita sobre o nexo entre drogas e família. Trata-se de dois conceitos definidos e abordados pelo discurso da ciência ao serviço do mercado o que pode aportar a psicanálise?

Drogas, consumo e vínculos sociais

O ritmo acelerado da sociedade junto à oferta de bastantes e chamativos objetos de consumo promovem novas opções de gozo, exibidas em atraentes envolturas que

aprisionam ao sujeito levando-o, em ocasiões, a destrutivas formas de satisfação nas que prima a pulsão de morte, a gozação. Deixando em evidência que o intento de alcançar a satisfação está comandado pelo excesso, a solidão e o consumo sem limites.

Na tenaz procura da felicidade e depois do encontro com o tropeço, o sujeito se conforma com evitar o sofrimento. Isso é algo que Freud propõe:

A vida, como nos é imposta resulta gravosa: nos traz muitas dores, desenganos, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de calmantes. Os há, talvez, de três tipos: poderosas distrações, que nos façam avaliar em pouco nossa miséria; satisfações substitutivas, que as reduzam, e substâncias embriagadoras que nos voltam insensíveis a elas. As substâncias embriagadoras influem sobre nosso corpo, alteram seu quimismo.

Assim, na época do consumo cada dia se criam objetos destinados, embora seja momentaneamente, para evitar o sofrimento. Freud propõe três caminhos para aliviar o desconforto: satisfações substitutivas, distrações ou narcóticos, nestes últimos tempos se encontram ao alcance de todos, sem importar se tratasse de drogas duras ou leves, legais ou ilegais, naturais, sintéticas ou farmacológicas; o que importa é que exista alguém disposto a consumi-las. Lembremos que a oferta gera demanda e na atualidade não há um limite ou proibição para alcançar o ansiado na época do *“impossible is nothing, just do it”*, época na que o Nome do Pai e os ideais já não operam como antes.

Eric Laurent indica que a droga introduz uma ruptura com o goze fálico apoiando-se na frase de Lacan “a droga, a única forma de romper, o matrimônio do corpo com o pequeno-pênis”, este o leva a apresentar que não se trata de uma formação de compromisso, senão de ruptura que operaria em dois níveis “ruptura com o nome do pai por fora da psicose” e “ruptura com as particularidades do fantasma”, o que implica para ele “o surgimento em nosso mundo de um goze UM. Em tanto não sexual”. Na seguinte cita de Laurent se articula a ruptura com o goze fálico e entra em cena um goze mais lá do pênis, a nível do corpo, trata-se do goze Um, sem representação, repetitivo e sem articulação a nenhum ordem nem vínculo com o sexual. Assim podemos pensar a droga como um objeto com bastantes funções convertidas numa vertente de goze, repetitiva sempre querendo um pouco mais, já que nunca é suficiente, trata-se de um goze que reaviva de imediato a satisfação sem passar pelo Outro.

Por outra parte, especifica a ruptura com o Nome do Pai e com o fantasma mais lá de uma clínica continuísta ou das estruturas clínicas, o que ademais permite pensar o que Lacan trabalha no seminário 17 em relação ao deslocamento no lugar da dominante que se produz desde o discurso do amo antigo ao discurso do amo moderno, onde o saber e os numerosos objetos governam, deslocando do lugar da lei.

Agora bem, como se põe em jogo a interseção entre drogas e família? Que há das drogas ao interior da família?

Família e suas transformações

A família para o psicanálise é um conceito central, para Freud é um lugar onde a criança se identifica, lugar onde opera a transmissão da palavra e a cultura “*para o menino os pais são ao começo a única autoridade e fonte de toda crença*”. Ao longo do ensino de Lacan o conceito tem sofrido modificações, tem sido pensado como instituição que sanciona ou proíbe “*predomina na educação inicial, a repressão dos instintos*”, como função que possibilita uma transmissão “*desempenha um papel primordial na transmissão da cultura*”, e como a que possibilita “*a aquisição da língua à que justificadamente se designa como materna*”, é dizer a família “*governa os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico*”. Miller tem ressaltado em sua origem o mal encontro e propõe que está conformada pelo Nome do Pai, o Desejo da Mãe e os pequenos objetos “*a*”.

Bassols indica que é necessário distinguir a função do progenitor (associado a funções básicas) da função simbólica ligada a um ato de vontade que requer do consentimento do sujeito para poder transmiti-la, trata-se de um operador lógico.

Se um operador fundamental na família é o Nome do Pai, que consequências tem nestas, a renúncia paterna? Como se ordena e regula o goze ao interior dela nos tempos de sua queda? Que há de limite ao imperativo a gozar nos tempos da subida do objeto ao zênite social? Evidentemente a família da época vitoriana, da que Freud se ocupou, tem sofrido uma metamorfose. Na atualidade a família está marcada pelos avatares do mercado e a produção (atravessada pelas dificuldades que traz a inserção no mundo laboral). Surgem novos significantes que as nomeam como invenções que possibilitam novos laços: famílias reconfiguradas, monoparentais, ensambladas, homoparentais, adoptivas. Transformações que geram desorientação e que em muitas ocasiões promove a consulta a “*expertos*”.

A família apresenta hoje em dia, segundo Sergio Laia, uma dificuldade para articular lei e desejo (falta e cuidados maternos), já que à carência paterna responde uma perseverança materna em fazer lei, ante a renúncia se põe em marcha o domínio materno, assim as famílias são tomadas por modos de satisfação cada vez mais perturbadoras. Ao respeito Esthela Solano refere que hoje em dia o ser madre e ter filhos se tem convertido num imperativo, trata-se do empuxe do discurso da ciência à maternidade, levando-a a limites insuspeitos.

No *Seminário 4*, introduz a frustração como uma das três formas da falta de objeto que involucra a triada menino-mãe-falo. O define como um dano imaginário sobre um objeto que é real, cujo agente é a madre simbólica, dano que se liga à espera de um sinal de amor. No *Seminário 17* avança em relação à conceptualização do desejo da madre, do qual sinala que

[...] não é algo que se possa suportar tal qual, que possa resultar-lhes indiferente. Sempre produz estragos. É estar dentro da boca de um crocodilo. Não se sabe quem mosca pode chegar-lhe a picar de repente vai e fecha a boca. Esse é o desejo da madre [desejo que se encontra com um limite] há um pau, de pedra é claro, que está aí, em potência, na boca e isso a contém, a trava. É o que se chama o faló. É o pau que protege você se de repente isso se fecha.

Assim Lacan apresenta a metáfora paterna mais lá do complexo de Edipo.

Indart, retoma o levantado por Lacan a partir da “clínica da frustração” para dar conta das consequências da falta imaginária, do curto-circuito na relação de complementariedade mãe-filho. Relação que também foi abordada a partir do conceito de estrago (mãe-filha), entendido como uma relação devastadora que se estabelece com o desejo da mãe. Perante isto, os sujeitos inventam diversas e singulares soluções que na atualidade não respondem ao esquema do sintoma estruturado como uma linguagem, mensagem dirigido ao Outro, senão mais bem percebem do goze, de algo da ordem do mais lá do princípio do prazer (veneno e também solução). Isso é algo do que propõe Vieira ao articular a noção de estrago com a eleição do objeto droga como parceiro “ao evitar o problema sexual a droga levaria a uma solução como o estrago”, o autor propõe uma leitura de dois modos de sofrimento: um macho (goze localizado, Nome do Pai) e um feminino (perda do goze, modalidade não tudo do sofrimento), isto é o que denomina “passagem do sofrimento sintomático ao sofrimento estrago”.

Discursos

Lacan no *Seminário 17* introduz o que denomina o terceiro de seus deslocamentos, no que propõe “uma operação de quarto de volta” sobre quatro estruturas com quatro lugares (agente, trabalho, verdade e produção), trata-se dos quatro discursos.

Rapidamente introduz o discurso do amo no que no lugar da dominante encontramos o S_1 que se dirige ao S_2 (campo dos significantes que já estavam aí) de cuja articulação surge o sujeito em tanto dividido e como produção o objeto a . Discurso que tem sido deslocado por “o amo moderno”, que chamamos capitalista” representado pelo discurso universitário, o das ciências, no que há uma modificação no lugar do saber, no lugar do dominante opera o S_2 “ser tudo saber”. Agora o saber deve ser produzido “por quem são, eles mesmos, produtos, tão consumíveis como os outros ...o material humano”. Lacan dá conta de como “o saber tem ido a parar ao lugar da ordem, do mando, ao lugar ocupado num princípio pelo amo”.

Três anos mais tarde Lacan introduz o matema do discurso capitalista apresentado como uma rejeição à verdade. Nele há uma inversão dos termos do matema do discurso do amo. O sujeito fica no lugar do agente (falso amo) liberado das insígnias identificadoras do S_1 , não está determinado pela verdade senão que a dirige. É um discurso limite ao laço social.

Este denominado discurso altera e distorce os lugares que tinha colocado em 1969, forcluindo-se o lugar da verdade, como consequência não opera a castração, não há impossível, predomina a segregação, o racismo, o sem limites. Trata-se de um discurso por fora do semblante, é a metonímia dos objetos do mercado que tentam apagar a insatisfação do sujeito sem consegui-lo “um discurso bem astuto, mas insustentável, é dizer destinado a explodir”.

Efeitos da conjunção do discurso universitário e capitalista nos laços

Hoje em dia a família já não está regulamentada pelo discurso do amo antigo, discurso do inconsciente, no que o sujeito encontra as marcas que o constituem na articulação de dois significantes que o representam, senão mais bem, nos encontramos com a problemática do

goze sem limite, que converte aos sujeitos em objetos de consumo, aferrados à ideia de que há um objeto que pode obturar um real que é inapreensível.

O objeto pequeno *a* está no zênite, no ponto mais alto, eclipsando os antigos ideais, o que gera crise nas identificações, na regulação do goze e naturalmente afeta a regulação que antes fundava à família.

A oferta de varios objetos pensados para tapar a falta é inacabável, objetos centrados na eficiência, a produção e o rendimento, assim aparecem “*drogas*” que permitem permanecer acordados, diminuir a aflição, e a atividade acelerada do corpo que se volta insuportável para os outros, drogas que possibilitam dormir, acordar, evadir, fazer laços, etc.

Trata-se de objetos que se ligam diretamente ao goze. Objetos, que como define Indart, seguindo a Lacan, não são o resultado do trabalho pulsional que vem a paliar a perda e no que se considera seu valor de uso, senão de objetos, nos que sobressai seu valor de câmbio centrados na promessa de “sempre um pouco mais”, bônus de goze, já que nada é suficiente.

Tal como o apresentou Indart:

[...] é dizer, os que desenharam máquinas sobre o modelo do trabalho do inconsciente: automatismo, repetição, ignorância dos fines, e produção do objeto bônus de goze, do objeto valor de câmbio, em forclusão completa de seu possível valor de uso, que agora tem de inventar, porque sua função de limite tem sido abolida [...] enquanto quotidianamente o mostra a dissolução da “célula” familiar.

Na clínica tem de ter em conta a reconfiguração das famílias a partir do percurso dessa produção do objeto bônus de gozar. Tendo em conta o que propõe Lacan na ética das psicanálises, o desejo do analista como um não desejar o impossível, algo do goze se poderá localizar, assinalar, mas não há livro de instruções senão uma aproximação caso por caso e ver o que é acontece na singularidade de cada sujeito.

Bibliografía

Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI*. FAPOL online.

<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>

- Corominas, J., *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos. 1987, p. 230.
- Freud, S., El malestar en la cultura. *Obras completas*. Tomo XXI. Buenos Aires: Amorrortu. 1992, p. 10.
- Freud, S., La novela familiar del neurótico. *Obras completas*. Tomo IX. Buenos Aires: Amorrortu. 2006, p. 217.
- Indart, J., *La clínica de la frustración hoy*. Venezuela: NEL-Caracas. 2010, p. 8.
- Indart, J., Esbozos de economía política y psicoanálisis. *Revista Lacaniana* N° 1. Buenos Aires: EOL. 2003, p. 33.
- Lacan, J., *La familia*. Buenos Aires: Argonauta. 1987, p. 16.
- Lacan, J., *El seminario, libro 4. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós. 2008, p. 61, 201.
- Lacan, J. *El seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 2006, pp. 9, 12, 13, 17, 32, 54, 109, 118, 174.
- Lacan, J., Traducción de la conferencia de Lacan en Milán del 12 de mayo de 1972. *El sigma*: <http://www.elsigma.com/historia-viva/traduccion-de-la-conferencia-de-lacan-en-milan-del-12-de-mayo-de-1972/9506>
- Laia, S., *La metamorfosis de la familia*. Córdoba: Babel editorial. 2012, pp. 3-66.
- Laurent, É., *Tres observaciones sobre la toxicomanía*. Buenos Aires: Atuel TyA. 1994, pp. 19-20.
- Naparstek, F., La metástasis del goce. *Pharmakon Digital*. Red TyA del Campo Freudiano. 2015, p. 25.
- RAE, Diccionario de la lengua española. <http://dle.rae.es/?id=L9vLorjL9vXSzQ>
- Solano-Suárez, I., *Los blues maternos*. Buenos Aires: Grama. 2015, p. 193.
- Vieira, R., *Un agujero en el discurso Universal, el socielo y la insubordinación sexual en la toxicomanía*. Buenos Aires: Grama. 2015, p. 66.